

# Cariocas e paulistas exigem medidas drásticas

■ **CARLOS LESSA**, economista, Professor da UFRJ e ex-Diretor do Finsocial do BNDES: — Não é que eu não concorde que seja preciso fazer uma política fiscal, uma reforma administrativa até com demissão de pessoal, mas isso não é bastante. Enquanto as taxas de juros continuarem a subir e a dívida pública for financiada diariamente, estará mantida a desordem econômica. Tentar solucionar a crise brasileira pelo corte no gasto público é, no mínimo, risível. Deve haver cortes drásticos no lado financeiro.”

■ **ERIVAN DE LIMA**, 20 anos, frentista, morador de São Cristóvão: — Tem marajá, mas a gente não sabe onde estão eles. É um caso de polícia.

■ **LOURDES PINTO**, 62 anos, aposentada, moradora do Centro: — É preciso acabar com essa corrupção. Cada um tem que ganhar o salário que merece. Tenho esperanças no novo Governo para acabar com isso.

■ **JOSÉLIA TAVARES**, 22 anos, embaladora, moradora do Centro: — Tem pessoas que ganham muito e outras que ganham pouco. Tinha que pegar aquele que ganha três salários e dividir com o que ganha um, como eu. É uma injustiça.

■ **ALEXANDER CARVALHO**, 18 anos, vendedor, morador do Engenho Novo: — Devia ser tudo igualado. É o cúmulo um contínuo receber Ncz\$ 120 mil pelo mesmo serviço que outros fazem e não ganham isso. Tinha que reduzir esses salários. Eu ganho Ncz\$ 12 mil.

■ **ILZA MONTEMOR**, 45 anos, funcionária pública estadual, moradora de Santa Tereza: — Sei que existem marajás, mas a maioria dos funcionários públicos ganha muito pouco. Não sei o que faria para resolver este problema.

■ **EDNALDO RAMOS FERREIRA**, 34 anos, garçom, morador da Ilha do Governador: — Acho que tem uns que merecem ganhar bem, mas a maioria nem trabalha. Era preciso que tivesse uma pessoa administrando para ver quem trabalha e quem não faz nada. Privilégio não dá. Tem que haver direitos iguais.

■ **INACIO ZACHARIAS**, 59 anos, porteiro, morador da Tijuca: — Não está certo. A pessoa tem que ganhar



**Josélia Tavares: é uma injustiça**



**Emar José da Silva: sem demissões**

o relativo a seu trabalho. Vai ser um problema difícil de resolver. Vamos ver o que o novo Chefe vai fazer. É muita gente ganhando pouco enquanto outros ganham demais. Eu, por exemplo, ganho apenas o salário mínimo.

■ **JAIR COIMBRA**, 64 anos, rodoviário, morador do Centro: — Acho que nada vai mudar. Os marajás vão continuar e os ricos vão ficar mais ricos, enquanto os pobres ficam mais pobres. Eu recebo por mês Ncz\$ 18 mil.

Também em São Paulo os salários



**Erivan de Lima: caso de polícia**



**Leila Maria Patresi: não dá**

dos marajás foram criticados, algumas vezes com veemência, pela população. Abaixo, alguns exemplos

■ **LEILA MARIA PATRESI**, 45 anos, terapeuta: — Estou com muita esperança, pois pior não vai ficar. O Collor vai combater isso e terá sucesso graças à credibilidade que ele conseguiu com a viagem que fez pelo mundo todo. Ele vai acabar com os marajás também porque não tem o rabo preso e pode mexer com o alto escalão, com gente poderosa mesmo. Ele já mostrou que tem coragem de sobra.

■ **RUSSEL HERNANDES**, 34 anos, engenheiro eletrônico: — É gente com o salário super alto, é “fantasma”, é gente protegida, etc. Mas tenho esperança de uma moralização no setor público. Vai ser muito difícil. Sei que não vai acontecer da noite para o dia, mas a longo prazo a coisa tem conserto.

■ **EMAR JOSÉ DA SILVA**, 29 anos: — Não vai dar para demitir os 180 mil funcionários, como se chegou a comentar. Além disso, uma demissão em massa, que fosse dos 119 mil não estáveis, não atingiria só essas pessoas, porque é certo que elas têm famílias. Teria uma repercussão incrível. Por isso não acredito, mas acho que os bons profissionais devem ser preservados e os que não trabalham têm de ser demitidos.

■ **SANDRA REGINA MUCIO**, 32 anos, psicóloga: — Não acredito em demissões no funcionalismo federal. Alimento as melhores esperanças em relação ao Governo Collor, mas tenho a certeza de que os salários dos marajás continuarão altíssimos. Afinal, ele não vai poder reduzir os salários. Então terá de encontrar outra forma de conciliar os altos salários com os serviços a serem prestados. E aí também que ele deverá recorrer a um remanejamento de pessoal para corrigir as distorções. Mas tudo isso é coisa para se fazer a médio e longo prazos. Fosse eu, entrava já tirando os ociosos.

■ **JOSÉ LOURENÇO**, 32 anos, motorista particular: — A gente luta há tanto tempo e está sempre por baixo. O que a gente ganha só dá para a condução e muito mal para comer. Enquanto os marajás estão aí sempre ganhando bem. Por isso eu acho difícil mudar alguma coisa. Todo mundo que vai entrar aí que vai fazer isso e aquilo e melhorar a vida da gente. Mas até agora não vi nada disso.

■ **JUCIMARA INOUE**, 26 anos, secretária: — Ele pode mudar o sistema econômico. Dar um jeito na situação econômica do País, mas não vai acabar com os marajás, não. Ele próprio é um deles, pois antes da eleição aparecia de roupa simples e agora aparece cada dia com um ternão diferente e de marca famosa e cara.